

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CENTRO DE EDUCAÇÃO

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUANNA MARIA FERREIRA DE BRITO

**ENTRE MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS: EXPERIÊNCIAS DE UMA EX-
ALUNA DA EJA NO ENSINO MÉDIO DURANTE O ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

MACEIÓ-AL
2025

LUANNA MARIA FERREIRA DE BRITO

**ENTRE MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS: EXPERIÊNCIAS DE UMA EX-
ALUNA DA EJA NO ENSINO MÉDIO DURANTE O ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do
Curso de Pedagogia do Centro de Educação da
Universidade Federal de Alagoas como requisito
parcial para obtenção da nota final do Trabalho
de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

MACEIÓ-AL
2025

LUANNA MARIA FERREIRA DE BRITO

**ENTRE MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS: EXPERIÊNCIAS DE UMA EX-
ALUNA DA EJA NO ENSINO MÉDIO DURANTE O ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 27/11/2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 JEANE FELIX DA SILVA
Data: 09/12/2025 13:47:19-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Profa. Dra. Jeane Felix da Silva - Orientadora
Examinadora 1 - Presidente**

Documento assinado digitalmente
 VALERIA CAMPOS CAVALCANTE
Data: 03/12/2025 08:57:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Profa. Dra. Valéria Campos Cavalcante (Cedu/Ufal)
Examinadora 2**

Documento assinado digitalmente
 GIVANILDO DA SILVA
Data: 01/12/2025 15:23:08-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Prof. Dr. Givanildo da Silva (Cedu/Ufal)
Examinador 3**

Maceió – AL

2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora Jeane Félix que me ajudou com seu conhecimento e sensibilidade a elaborar este trabalho. Sem ela, definitivamente, eu não conseguiria não apenas iniciar, mas finalizar e tê-la como referência de profissional.

À minha família, que sempre acreditou que eu fosse capaz de tudo o que eu me propusesse a fazer, mesmo em momentos em que eu pensei que, sequer, era merecedora de entrar em uma Universidade. Sempre enxergaram em mim o amor e a dedicação que movem tudo o que eu faço, me direcionaram pelos melhores caminhos e me formaram uma mulher digna e de fibra.

Em especial, ao meu padrinho Marcelino Filho, que sempre lutou pela minha educação, me incentivou a alçar voos altos e sempre me guiou muito além dos estudos, mas também na integridade e no caráter.

A Universidade Federal de Alagoas por todas as oportunidades, aprendizados e conhecimentos concedidos a mim. A todos os professores e professoras do Curso de Pedagogia. Ao professor Givanildo e à professora Valéria, por aceitarem participar da minha banca de TCC.

As minhas amigas que a UFAL me presenteou, tornando todo o processo mais leve e significativo entre risadas e trocas de experiências incríveis e suporte nos momentos árduos.

Aos meus amigos pessoais que vibraram com meus acertos e pontuaram meus erros para que eu pudesse ser uma pessoa melhor.

Ao maior responsável por este momento, todos os que passaram e os que virão: Deus. Em sua infinita bondade, me sustenta e me ama, independente das minhas falhas e, todos os dias, me dá a chance de ser uma nova pessoa.

E, por fim, a Educação de Jovens e Adultos, por me proporcionar uma nova chance, também, na vida, pois eu fui salva pela educação. Os meus sonhos e planos tornaram-se contínuos graças à EJA.

ENTRE MEMÓRIAS E APRENDIZAGENS: experiências de uma ex-aluna da EJA no Ensino Médio durante o Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia

Luanna Maria Ferreira de Brito

CEDU/UFAL

E-mail: luanna.brito@cedu.ufal.br

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva - Orientadora

E-mail: jeane.silva@cedu.ufal.br

RESUMO

Este artigo refere-se a um relato de experiência escrito a partir de dois lugares distintos: o de egressa da EJA e o de estudante de Pedagogia que fez os seus estágios obrigatórios em turmas de EJA. Ocupar esses dois lugares permite perceber a EJA como um campo de possibilidades formativas e profissionais. O trabalho tem como objetivo geral analisar as implicações da condição de egressa da EJA na formação docente de uma estudante de Pedagogia durante seus estágios supervisionados na Educação de Jovens e Adultos. Tem, ainda, como objetivos específicos: descrever como a experiência prévia como aluna da EJA influenciou a observação e atuação nas salas de aula durante o estágio e refletir sobre os desafios e as potencialidades pedagógicas que surgiram a partir da relação de identificação e empatia estabelecida entre a estagiária (egressa) e os/as alunos/as da EJA. Trata-se de um artigo produzido em formato de relato de experiência, onde a vivência resultou na mudança de perspectiva referente ao conceito da educação pública, vista antes com a visão de preconceito e, posteriormente, como uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Pedagogia; Educação de Jovens e Adultos; EJA; Relato de Experiência.

ABSTRACT

This article presents an experience report written from two distinct positions: that of a graduate of Youth and Adult Education (YAE) and that of a Pedagogy student who completed her mandatory internships in YAE classes. Occupying these two positions makes it possible to understand YAE as a field of formative and professional possibilities. The general objective of this study is to analyze the implications of being a YAE graduate for the teacher education of a Pedagogy student during her supervised internships in Youth and Adult Education. Its specific objectives are to describe how prior experience as a YAE student influenced classroom observation and practice during the internship, and to reflect on the challenges and pedagogical potential that emerged from the relationship of identification and empathy established between the intern (a YAE graduate) and YAE students. This article is produced in the format of an experience report, in which the lived experience resulted in a shift in perspective regarding the concept of public education, previously viewed through a lens of prejudice and later understood as quality education.

Keywords: Supervised internship; Pedagogy; Youth and Adult Education; EJA; Experience report.

1. INTRODUÇÃO

As portas da Educação abriram-se novamente, para mim, a partir do momento em que ingressei na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no 1º ano do Ensino Médio. Naquele momento, não imaginava que um dia iria atuar profissionalmente na área. Isso mudou a partir do momento em que as oportunidades começaram a aparecer e criaram, em mim, a possibilidade de voltar para a área que me recebeu com tanto acolhimento e responsabilidade, me dando esperança para continuar os meus estudos e realizar alguns dos meus sonhos.

Aos 16 anos, após repetir de ano na escola por duas vezes - a primeira por conta de uma complicação cirúrgica que me impediu de acompanhar as atividades escolares e a segunda por ter começado a trabalhar como menor aprendiz e, assim, não conseguir intercalar a rotina pelo cansaço extremo, fui direcionada para a EJA. Envergonhada, ouvindo julgamentos e, também, me julgando, quase não retomei os estudos.

Por uma mistura de preconceito e falta de informação, me vi diante de uma realidade que nunca imaginei, afinal, antes mesmo de saber da existência da EJA, criei a visão de que a educação pública não era de qualidade, uma vez que a minha vida inteira estudei em escola particular. Contudo, ao reprovar novamente, desta vez, no 1º ano do Ensino Médio, tomei a decisão de ingressar na EJA na tentativa de concluir os estudos e, assim, possivelmente, tentar ingressar no ensino superior. O fato de ter passado por duas reprovações me fez crer que eu não conseguiria entrar em uma universidade pública, mas pude ver, de perto, agora como estagiária, como esse pensamento é comum entre os/as estudantes da EJA.

Quando falamos sobre possibilidades de alunos/as ingressarem na EJA, estamos lidando, muitas vezes, com a possibilidade de realizar sonhos, a necessidade de adquirir habilidades educacionais básicas para exercer funções profissionais ou atividades da vida cotidiana ou, simplesmente, a conclusão dos estudos. No meu caso em particular, tive a oportunidade de estar na EJA a partir de dois lugares: como estudante da modalidade e como estudante de Pedagogia cursando os estágios supervisionados¹ que, no caso do turno noturno, com exceção do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, os demais são cursados na EJA. Estar nessas duas posições, em momentos distintos, me fez enxergar os

¹ No Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - Campus A.C.Simões, a atual matriz curricular é composta por quatro estágios supervisionados, que são: Estágio Supervisionado em Gestão e Coordenação Pedagógica; Estágio Supervisionado em Educação Infantil; Estágio Supervisionado em Alfabetização e Letramento; Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental.

dois pólos com olhos de afeto e de responsabilidade, uma vez que as minhas motivações estavam ligadas, por um lado, apenas ao término dos estudos e, do outro lado, como profissional em formação que vê, na Educação de Jovens e Adultos, um leque de possibilidades para além da conclusão da escolaridade e da obtenção de um diploma, mas de um espaço em que é possível englobar a socialização, a compreensão, a atenção, o foco e a esperança.

Ao escolher este tema, pensei em como poderia relacionar um período tão difícil da minha vida com outro em que eu me senti vitoriosa, considerando que ambos aconteceram no mesmo ambiente. Ao recordar minha passagem como estudante da EJA, o cansaço era o meu maior obstáculo, pois eu precisava estar em uma sala de aula após um dia inteiro de trabalho. Por muitas vezes, a pressão de me sentir “atrasada” interferiu nos meus sentimentos, mas com o apoio cotidiano da minha família, o processo foi se tornando menos árduo.

Hoje, percebo que estar em outra posição, anos depois, me permite enxergar que esta não é a realidade de todos/as os/as estudantes da EJA, como eu pensava, apesar de ter convivido com diferentes realidades. Olhar nos olhos de alunos/as da EJA que só tinham apenas a si mesmos, outros/as que queriam aprender a ler apenas para lidar com a sua vida diária e não depender de ninguém para isso, outros/as que precisavam aprender a escrever para assinar seus próprios nomes, me fez ver que a Educação de Jovens e Adultos é um mundo de diversidade social e cultural. A EJA é, como diz Arroyo (2017), um lugar em que as hierarquias são visíveis e é, também, um espaço de construção de identidades individuais e coletivas.

A partir deste momento, seguimos para as seguintes 3 seções, sendo elas, **A EJA e seus sujeitos**, onde será abordado e fundamentado quem são os indivíduos que compõem a EJA, suas motivações para estarem ali e o que sentem durante todo o processo, **Caminhos Metodológicos**, onde será abordado e fundamentado os tipos de pesquisa e seus conceitos, **Relatos de Experiência**, o momento em que será relatado tudo o que foi vivido durante os relatos ofertados pelo curso de Pedagogia, as relações acontecidas com a vivência como aluna da EJA, aprendizados e reflexões.

2. A EJA E SEUS SUJEITOS: UMA BREVE REFLEXÃO

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino destinada ao público de jovens, adultos e idosos/as que não conseguiram concluir os estudos na idade prevista,

conforme assegura a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Brasil, 1996). A EJA, por ser uma modalidade, permite que estes sujeitos concluam os estudos em menos tempo do que tradicionalmente é ofertado às crianças e adolescentes nas escolas. Torna-se uma fase de extrema importância não só para a finalização da modalidade, como também para a preparação para a prestação do vestibular e, assim, poder cursar uma universidade ou estar apto ao mercado de trabalho, atingindo as exigências de conclusão do ensino médio.

A EJA é oferecida pelos sistemas de ensino e possui uma estruturação própria, com currículos flexíveis, buscando adequar-se às características dos/as alunos/as. Pela LDBEN, a EJA abrange tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio, sendo 15 anos completos e 18 anos completos, respectivamente, a idade mínima para acesso (Brasil, 1996). De acordo com DiPierro (2017, p. 11), a EJA é delimitada não apenas por critérios de idade, mas pelas precárias condições socioeconômicas que favorecem “o analfabetismo, a baixa escolaridade e a insuficiente formação profissional”. Para Pereira, a EJA é uma modalidade que:

muito mais do que um cenário constituído por sujeitos com idades e bagagens diferentes, ela precisa ser vivida dentro da perspectiva da inclusão e acolhimento dos estudantes, ao passo que, deve ser dinâmica permanente para o professor conhecer e explorar as histórias de vida de seus alunos, potencializando o positivo e transformando os estigmas e as limitações em novas possibilidades (Pereira, 2021, p. 12-13).

Para Di Pierro e Haddad (2015), o reconhecimento do direito dos(as) jovens e adultos à educação foi consequência do processo de democratização, onde antes, a escola era para poucos alunos e aqueles que não haviam finalizado no tempo adequado ficavam sem estudar. Devido a este processo democrático que ocorreu através da industrialização e urbanização, onde os trabalhadores precisavam ser escolarizados, o acesso à escola passou a acontecer, impulsionado pela mobilização da sociedade civil. Ou seja, a própria EJA foi construída com uma característica de luta dos movimentos sociais pela educação das pessoas que, por diversas razões, não puderam concluir os estudos quando crianças e adolescentes. Apesar dos avanços da institucionalização da EJA como modalidade, ela ainda demanda luta. Cabe lembrar que a redução do número de pessoas jovens e adultas que não são alfabetizadas é lenta e que os avanços na escolaridade para esta população acontecem muito lentamente (Di Pierro & Haddad, 2015).

Ter acesso a essa oferta educacional é diferente de possuir o direito. O direito é válido para todos/as, o que não quer dizer que todos/as que conseguem exercê-lo. Apesar da

Constituição Federal de 1988 garantir, a desigualdade social cria barreiras para o acesso à educação de modo geral e à EJA em particular. Quando citamos o direito dos sujeitos à EJA, também lidamos com obstáculos, na própria escola e em muitos/as docentes, para que a EJA seja ofertada.

Arroyo (2017), ao refletir sobre a maneira como a Educação de Jovens e Adultos é vista pela sociedade, e mais especificamente, na hierarquia escolar, afirma que a EJA é “a última porta de emergência no percurso escolar a transportar esperanças do último ônibus”. (p. 26).

Para Madalena Freire, em sua obra “Educando o olhar da observação” (1996), apresenta uma reflexão voltada para como fomos historicamente, diariamente e involuntariamente ensinados a olhar, e não observar. Nas palavras da autora, “só podemos olhar o outro e sua história se temos conosco mesmo uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história” (Freire, 1996, p. 10). Nesse sentido, como egressa da EJA e como estagiária, me pergunto: como temos olhado e percebido os/as estudantes da EJA? Temos lhes considerado como sujeitos de fato ou estamos apenas garantindo o acesso, sem verdadeiras condições para a sua permanência na escola e para aprendizagem e continuidade dos estudos? Essas perguntas me incomodam e me inquietam como profissional da educação em formação.

Quando pensamos em sujeitos da EJA, precisamos de antemão analisar e compreender o contexto social ao qual estão inseridos. Estamos nos referindo a pessoas que precisaram dar prioridade ao trabalho ao invés dos estudos para garantir o sustento das suas casas, ou de sujeitos que não tiveram sequer a oportunidade de frequentar uma escola por diversos motivos, dentre eles, locomoção, distância, recursos e até incentivo de pessoas do convívio. Estamos também falando de pessoas que, muitas das vezes, não possuem acesso à informação ou não são estimuladas a concluir seus estudos. Nos referimos a mulheres que foram mães na adolescência e precisaram parar os estudos para se dedicar a seus filhos e filhas; a idosos e idosas que passaram grande parte de suas vidas trabalhando. E ao se deparar com realidades tão distintas, precisamos ter um olhar pautado em um senso crítico e ao mesmo tempo sensível. Para Madalena Freire (1996, p. 10), “não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo cegueira”.

Nas palavras de Arroyo (2017, p. 22), os sujeitos da EJA são “personagens pobres, trabalhadores empobrecidos das cidades ou dos campos, mulheres, negros/as”. São, nesse sentido, “passageiros do fim do dia e do início da noite – não são aqueles que se deslocam nos

carros para o trabalho, para as faculdades ou para as casas – homens e mulheres brancos/as, das classes médias, altas. São outros sujeitos e outros deslocamentos”.

Para Arroyo (2017), que denomina os sujeitos da EJA como “passageiros da noite”, título que nomeia o seu livro, é preciso nos perguntarmos “de onde, para onde, em que tempos” esses sujeitos vão constituir a sua relação com a escola. Ainda, para o autor, essas “passagens” foram iniciadas ainda na infância, momento em que muitos desses sujeitos não puderam exercer o direito à educação. Em razão disso, seguindo as pistas deixadas por Arroyo, a EJA só fará sentido se ela considerar seus sujeitos da EJA como produtores/as de conhecimentos e possuidores de saberes. Para isso, é preciso superar a fragmentação entre conhecimentos populares e acadêmicos, incluindo os saberes da vida desses sujeitos nos currículos planejados e oferecidos a eles.

Por outro lado, Arroyo (2017) apresenta um ponto de vista em que a passagem, utilizada para nomear o livro, se refere é por toda vivência que aquele sujeito carrega, muito antes de ser um estudante da Educação de Jovens e Adultos. Isto é, sua passagem étnica, social, cultural, de gênero, suas construções identitárias como indivíduo e como coletivo de sujeitos pobres. Como diz Arroyo (2017, p. 24) “também, toda passagem é motivada por um sentimento de esperança, de incerteza. A EJA condensa esses fortes sentimentos de incerteza e esperança. Com que artes pedagógicas trabalhar sentimentos humanos tão fortes, tão nos limites?”. Segundo Di Pierro (2017, p. 11), a EJA é delimitada não apenas por critérios de idade, mas pelas precárias condições socioeconômicas que favorecem “o analfabetismo, a baixa escolaridade e a insuficiente formação profissional”.

Assim, com base na compreensão de que a EJA é mais do que o direito à Educação, mas é o exercício do direito à dignidade em uma sociedade letrada como a nossa, passo a refletir sobre essa modalidade da educação a partir da ocupação de dois lugares: egressa e pedagoga em formação. Antes disso, apresento os caminhos metodológicos deste trabalho.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Como sinalizado antes, este trabalho foi construído como uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da estratégia de relato de experiência. Para Guerra et al (2024, p. 3), a pesquisa qualitativa:

é uma abordagem fundamental na investigação científica, que se baseia na compreensão aprofundada e na interpretação dos fenômenos estudados. Diferentemente da pesquisa quantitativa, que se concentra na mensuração e na análise estatística dos dados, a pesquisa qualitativa busca explorar a

complexidade e a riqueza dos contextos sociais, culturais e individuais. Os fundamentos da pesquisa qualitativa estão ancorados em princípios teóricos e metodológicos que orientam a coleta e a análise dos dados.

Entre os principais fundamentos dessa abordagem estão a busca pela compreensão contextualizada dos fenômenos, a valorização da subjetividade e da diversidade de perspectivas, e a ênfase na flexibilidade e na adaptabilidade do processo de pesquisa (Guerra *et al*, 2024, p. 3).

Para Gil (2002), trata-se de algo menos formal do que a análise quantitativa, pois através dela a coleta de dados pode ser feita mediante à diversos levantamentos. Este processo pode ser considerado uma sequência de atividades que irá envolver redução dos dados, a categorização, sua interpretação e a redação do relatório. Mussiet al (2021, p. 62) dizem que, atualmente, no campo da pesquisa científica “emerge a necessária compreensão das diferentes possibilidades metodológicas e , também, das variadas modalidades para proposição e estruturação dos escritos acadêmicos , tais como , o relato de experiência . No caso deste trabalho, a escrita foi elaborada a partir de relatos de experiência na EJA: como egressa e como estagiária do curso de Pedagogia.

Os relatos de experiência apresentados aqui partem das anotações realizadas durante os Estágios Supervisionados do curso de Pedagogia, realizados, no meu caso, feitos no turno noturno. Essas experiências de estágio me fizeram lembrar do tempo em que era aluna de EJA, o que me fez escrever também sobre essas memórias.

A cada visita, pesquisa e observação realizada nas escolas, fiz anotações tanto em um bloco de notas físico quanto no celular. Nessas notas, escrevi pontos que me chamavam atenção sobre as experiências nas escolas. Além disso, anotava os dados necessários para preencher os formulários solicitados pelos/as professores/as dos estágios. Além das anotações, especificamente no caso dos estágios, foram feitos registros fotográficos que facilitaram relembrar as situações.

4. RELATOS DE EXPERIÊNCIA: APRENDIZAGENS DE UMA EGRESSA E ESTAGIÁRIA NA EJA

Cursar os Estágios Supervisionados do Curso de Pedagogia no período noturno, em turmas de EJA foi, sem dúvidas, um misto de emoções, por estar em ambiente como o que estive como aluna sendo que, agora, como professora em formação, algo que não imaginava que aconteceria. Poder conversar e ouvir pessoas contando suas experiências e sentimentos semelhantes aos que eu vivi, anos atrás, me fez refletir a respeito de como a educação é grandiosa e nos dá um leque de possibilidades de realizar os nossos sonhos e atingir as nossas

metas. Poder enxergar nelas um fio de esperança, mesmo em meio a tantas frustrações e obstáculos, e conseguir, hoje, dizer que essa esperança realmente existe e pode ser regada é uma satisfação pessoal e profissional muito grande.

Os Estágios Supervisionados são importantes componentes curriculares dos cursos de formação de profissionais da Educação. Para Pimenta e Lima:

o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas (Pimenta; Lima, 2005/2006, p. 6).

Ainda, de acordo com as autoras, “a profissão docente é uma *prática social*, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente nas instituições de ensino” (Pimenta e Lima, 2005/2006, p. 11). Os estágios, nesse sentido, é uma das formas que o nosso curso nos possibilita de conhecer a realidade e pensar em estratégias para transformá-la. Assim, considero que os Estágios em EJA me possibilitaram ampliar o olhar para a modalidade, pensando na sua potência de transformação social na vida de alunos(as) que, assim como eu, tem o direito de concluir os seus estudos, independente da idade e dos seus desejos.

Assim, a experiência de estar na EJA como estagiária me permitiu pensar a EJA como espaço de transformação social. Nas palavras de Di Pierro (2017, p. 12), a EJA é um “processos educativos que auxiliem na construção de identidades coletivas, na organização comunitária e na formação política para a cidadania ativa”. Oliveira (2010), ao refletir sobre a EJA afirma que é preciso superar o preconceito e a desvalorização ainda existentes nessa modalidade, garantir a qualidade do ensino ofertado aos(as) alunos(as) da EJA e ampliar o acesso e a permanência desses(as) alunos(as), incentivando-os(as) a realizarem seus sonhos. No meu caso, o sonho de entrar na universidade e me formar. Passo, a seguir, a apresentar a minha experiência com os estágios em EJA.

4.1 Locais de atuação dos Estágios

O primeiro Estágio Supervisionado que cursei foi o de Gestão e Coordenação Pedagógica em que atuei foi uma escola municipal localizada no bairro Santos Dumont, região próxima à UFAL, em Maceió. A Escola apresentava uma boa estrutura e espaço, salas de aula e informática, auditório, biblioteca, entre outros. A quantidade de alunos(as) da escola

era de, aproximadamente, 1.200 estudantes. A instituição funcionava nos três turnos, ofertando a Educação de Jovens e Adultos no período da noite.

Uma das estratégias utilizadas para incentivar a permanência dos(as) alunos(as) foi um projeto criado pela escola, chamado “Projeto de Intervenção no Bairro”. A partir desse projeto os(as) alunos(as) podiam expressar suas opiniões relacionadas às áreas que na opinião deles(as) carecia de melhorias.

Essa estratégia encorajava os(as) alunos(as) a serem ativos e críticos, refletindo sobre os problemas da comunidade. Freire (1967), ao refletir sobre a participação dos sujeitos nos processos que lhe dizem respeito, afirmou que o ser humano, como um “ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo.” Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (Freire, 1967, p. 39). Compreendo, nesse sentido, que é fundamental que a escola crie estratégias para envolver os(as) alunos(as) nos problemas reais, de forma crítica e reflexiva.

No caso da intervenção que fizemos na escola durante o referido Estágio, o tema central foi a “Evasão Escolar”. O tema foi escolhido porque, segundo relatos da gestão da escola, este era um dos maiores problemas vividos pela instituição em relação aos(as) estudantes da EJA. Desse modo, e mediante as anotações e conversas realizadas, foi desenvolvido um projeto de intervenção com foco na importância dos estudos e de que modo a educação poderia ser um divisor de águas levando ao alcance de melhores oportunidades na vida daqueles(as) alunos(as).

Para Ireland (2022), é preciso garantir o direito de todos(as) à educação, mas isso precisa estar alinhado à “capacidade de a educação contribuir para sociedades mais democráticas e justas e menos desiguais e discriminatórias” (Ireland, 2022, p. 88-89). Para o autor, nos últimos 40 anos temos vivido um processo de instrumentalização da educação que tem retirado da EJA o espírito crítico e transgressor, que vem sendo substituído por uma escolarização quase sempre pautada pelo modelo do sistema de ensino de crianças e adolescentes. O autor defende que precisamos superar a versão neoliberal e bancária da EJA, que distancia o conteúdo escolar da vida do público de jovens, adultos(as) e idosos(as) que regressam à escola.

O Estágio em Alfabetização e Letramento e o Estágio em Ensino Fundamental foram realizados em uma escola municipal localizada no bairro do Eustáquio Gomes, também próximo à UFAL, em Maceió. A instituição contava com 240 alunos(as) matriculados(as), sendo que, aproximadamente, 100 deles(as) frequentavam regularmente as aulas. A faixa etária variava entre 18 e mais de 65 anos e as ocupações profissionais eram distintas, desde

autônomos à ambulantes e artesãos.

Eu não imaginei a dimensão do quanto os estágios na Educação de Jovens e Adultos iriam impactar na minha vida e na minha formação como futura docente, até o momento em que pude dar uma palestra como ex-aluna da EJA e contar àqueles(as) sujeitos o caminho que minha vida percorreu após a conclusão dos estudos na EJA até aquele momento, em que sou estudante de uma Universidade Federal, cursando uma licenciatura, sendo eu uma egressa da EJA. Poder relatar a minha experiência, tendo vivido o que muitos/as que me ouviam vivem, me deixou muito emocionada. Isso destaca o poder transformador da Educação. Para eles(as), a realidade da conclusão dos estudos se torna árdua e distante quando isso está atrelado a diversos obstáculos enfrentados pelos(as) estudantes da EJA, mas é notório que o coração se enche de expectativa e esperança.

Durante a atuação nos Estágios foi possível ver, na prática, as consequências da desigualdade social, vulnerabilidade, falta de recursos, falta de rede de apoio e suporte, exaustão física e mental, entre outros fatores. Todas as regências foram realizadas, mas com a ausência de grande parte dos(as) alunos(as) matriculados(as) nas turmas. Mesmo no primeiro Estágio, que foi sobre gestão porém atuante na Educação de Jovens e Adultos, estivemos frente a frente com o desespero da própria gestão em ver a evasão escolar acontecer.

Com o decorrer dos três estágios em EJA, foi possível perceber que existem problemáticas e motivações dentro e fora da sala de aula quando nos referimos aos sujeitos e à instituição, e a mesma problemática foi evidenciada: a evasão escolar. Ela foi a principal temática apontada, vista e vivida diversas vezes durante as observações e intervenções nas escolas, mesmo em diferentes instituições e públicos, pois, apesar de serem distintos, o contexto social era o mesmo.

Dentro da sala de aula, me deparei com particularidades e motivos que mantinham aquelas pessoas ali: mães adolescentes, mulheres que foram vítimas de violência doméstica, trabalhadores(as) com ou sem emprego, empreendedores(as) e, também, simplesmente, sujeitos que queriam ler o letreiro do ônibus que precisavam pegar, senhoras(es) que queriam ler a Bíblia, pessoas que queriam assinar seus próprios nomes para se sentirem identificados.

Em todos os Estágios, buscamos abordar temáticas que estivessem presentes no cotidiano dos(as) alunos(as), uma vez que seria interessante para eles falar e interagir sobre um assunto que estão familiarizados. Isso, porque, de acordo com Paulo Freire:

O educador democrático não pode negar -se ao dever de , na sua prática docente , reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis . E esta rigorosidade metódica

não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo . É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo , superficialmente feito , mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível (Freire, 2011, p. 28).

Nesse sentido, o tema central escolhido para a nossa intervenção foi “O trabalho e a sua construção social”. Essa escolha foi feita porque estávamos lidando com diferentes sujeitos, com distintas profissões e, em uma das conversas durante as observações, foi notório o sentido de desvalorização e preconceito dentro da classe social e profissional a qual eles(as) estavam inseridos(as).

Muitos alunos(as) da turma eram trabalhadores(as) autônomos(as) e, durante os diálogos e debates conosco, reconheceram a eficácia do uso das redes sociais, não apenas para a divulgação dos seus trabalhos mas, também, como meios de comunicação. Assim, desenvolvemos uma atividade prévia sobre o uso das ferramentas tecnológicas com auxílio dos computadores da própria escola. Nessa atividade, junto com eles(as), criamos banners de divulgação dos seus serviços e os(as) introduzimos ao meio digital de forma simples. De acordo com Ireland (2022, p. 97), a EJA, no contexto da “expansão do direito à educação também terá que incluir o direito de todos à conectividade e o acesso a conhecimentos”.

No último Estágio do curso, dando continuidade à proposta de Alfabetização e Letramento, o tema central foi montado de acordo com uma aula ministrada pela professora, em decorrência do Dia Mundial da Água, juntamente com o projeto anual da Organização Mundial de Saúde (OMS), que aborda a importância da preservação ambiental. Tratava-se de um conteúdo que estava presente no cotidiano dos(as) alunos(as), o que tornou-o interessante de ser trabalhado com eles. As atividades realizadas contaram com didáticas de rima, leitura, debates, musicalização, questões de múltipla escolha e rodas de conversa. Ou seja, conseguimos articular o processo de alfabetização e letramento a algo do cotidiano da turma. Para mim, como egressa da EJA, faz sentido que os conteúdos ensinados pela escola no contexto dessa modalidade estejam sintonizados com demandas reais da vida daqueles estudantes, caso contrário, o ensino se torna distante e sem sentido. De acordo com Freire:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento , mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção . Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações , à curiosidade, às perguntas dos alunos , a suas inibições; um ser crítico e inquiridor , inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento . É preciso insistir : este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser

constantemente testemunhado, vivido (Freire, 2011, p. 47).

Ou seja, é preciso reconhecer que o trabalho docente demanda conhecimento do público com o qual se trabalha, suas demandas e necessidade para, a partir disso, criar condições para que essas pessoas aprendam, o que só vai acontecer se os(as) alunos(as) despertarem a sua curiosidade para aprender, o que só vai acontecer na relação entre o novo conhecimento e os saberes que essa pessoa já possui.

A partir da minha trajetória, acredito que a Educação de Jovens e Adultos nos possibilita viver sentimentos intensos, que estão ligados à essência daqueles(as) que compõem essa modalidade, sejam eles(as) alunos(as) ou professores(as). De certa forma, as práticas de ensino para esses sujeitos precisam ser elaboradas pensando como um todo, englobando as vivências e o cotidiano que eles levam consigo para a sala de aula, afinal, estamos falando de um público que contempla pessoas jovens, adultas e idosas. Nesse sentido, as metodologias de ensino não podem ser as mesmas utilizadas na educação com as crianças.

CONCLUSÕES

Durante a minha trajetória como aluna da Educação de Jovens e Adultos e, posteriormente, estagiária desta modalidade, pude vivenciar a experiência em dois lugares. Estar na EJA como uma futura professora me fez pensar na necessidade de desenvolver um trabalho que pudesse contribuir, de algum modo, com aqueles sujeitos. A minha implicação ali se dava pelo desejo de me tornar uma boa professora de EJA.

Estar ali, na experiência do Estágio, me fez perguntar: como uma sala de aula preparada para educar crianças impacta no acolhimento dos(as) alunos(as) da Educação de Jovens e Adultos? Como podemos planejar atividades educativas que considerem as experiências e as realidades daquelas pessoas? Como os Estágios Supervisionados em EJA contribuem para a formação de professores(as) que, ao longo do curso de Pedagogia, são ensinados(as) para lidar com crianças?

Quando adentrei em uma turma de EJA como estudante, a sociedade me ensinou de forma preconceituosa sobre o processo de ensino e aprendizagem naquela modalidade. Mas ao retornar à EJA como professora em formação, a partir do repertório teórico do curso de Pedagogia, pude perceber a importância da EJA como direito e como uma possibilidade. Acredito que este trabalho me permitiu refletir sobre a EJA, seus sujeitos e sua importância. Quando iniciei o meu processo na EJA ainda como estudante, possuía um conceito

preconceituoso acerca da Educação Pública, e poder vivenciar isto e retornar como estagiária me mostrou que a educação pública é uma oportunidade para aqueles que não tiveram e, por alguma razão, não possuem recursos para o acesso ao direito de estudo particular. É o fio de esperança para novas oportunidades de realizações de sonhos. A educação por si só é um leque rico de possibilidades, e a educação pública é justamente a oferta para que os indivíduos não deixem de adentrar aos estudos e, assim, poder ter uma melhoria e qualidade de vida. Espero que este trabalho contribua com as reflexões no campo da EJA, com desejo que outros trabalhos sobre o tema, outras experiências de egressas da EJA que se tornaram estudantes de pedagogia sejam contadas e lidas, mostrando que essa modalidade da educação é, sobretudo, uma possibilidade de transformação social e de mudança de vida, como foi para mim.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27833–27841, 23 dez. 1996.

DI PIERRO, Maria Clara. Tradições e concepções de Educação de Jovens e Adultos. In: CATELLI JR., Roberto (Org.). **Formação e práticas na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017, p. 9-21. Disponível em: https://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2017/07/apresentacao_praticas_EJA.pdf. Acesso em: 28 out. 2025.

DI PIERRO, Maria Clara; HADDAD, Sérgio. Transformações nas políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/q4xPMXVTQvQSYrPz9qQBCgN/>. Acesso em: 28 out. 2025.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, A. L. R.; STROPARO, T. R.; COSTA, M.; CASTRO JUNIOR, F. P.; LACERDA JUNIOR, O. S.; BRASIL, M. M.; CAMBA, M. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado – GeSec**, v. 15, n. 7, p. 1-15, 2024.

IRELAND, Timothy. Do supletivo à aprendizagem e educação de adultos em 40 anos. **Em Aberto**, Brasília, v. 35, n. 113, p. 83-102, 2022. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/5260/41>. Acesso em: 27 out. 2025

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

PEREIRA, Lilian de Oliveira. **Evasão escolar na EJA: contextos e possíveis fatores de exclusão em uma escola da rede municipal de São Leopoldo**. Dissertação (Mestrado em Gestão Educacional) – Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis**, v. 3, n. 3-4, p. 5-24, 2005/2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF. Instituto de Ciências da Vida. Departamento de Nutrição. **Instrutivo para elaboração de relato de experiência – Estágio em Nutrição em Saúde Coletiva**. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/nutricaogv/files/2016/03/Orientações-Elaboração-de-Relato-de-Experiência.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.